

# SEMANA RELIGIOSA

## BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

*Sexta feira 1 de Novembro de 1878*

**IV VOL. N.º 180.**



**BRAGA:**

TYPOGRAPHIA LUSITANA

*Rua Nova n.º 4*

1878

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebisado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, o que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effectos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

**João, Arcebispo Primaz.**

# A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

## SUBSIDIO PARA O SOBERANO PONTIFICE.

A Sé Apostolica acha-se cada vez em maior apuro de meios, para satisfazer ás necessidades religiosas do Orbe Catholico, e para prover ao decoro do Supremo Jerarcha da Egreja, o SS. Padre Leão XIII.

A bem conhecida piedade dos fieis d'esta grande Archidiocese de Braga não consentirá, certamente, que se aggrave esta falta de meios, tão sensivel e lastimosa. Para este fim se acha constituida uma commissão n'esta cidade, composta dos reverendos padres João Rebello Cardoso de Menezes, João Pedro Ferreira Airoza, e Manoel Martins d'Aguiar, e encarregada de receber quaesquer esmolos, por diminutas que sejam, que os fieis, directamente por si mesmos, ou indirectamente pelos reverendos parochos, lhes entreguem ou enviem, para serem offerecidas ao Soberano Pontifice.

Na «Semana Religiosa Bracarense» será aberta uma secção para serem publicadas as quantias recebidas, declarando-se os nomes dos offerentes, que assim expressamente o desejarem.

### *Lista dos subscriptores e respectivas quantias para o fim supradito:*

Um anonymo. . . . .	4:500	reis
Padre João Rebello Cardoso de Menezes . . . . .	3:000	»
Padre João Pedro Ferreira Airoza . . . . .	3:000	»
Padre Manoel Martins d'Aguiar. . . . .	3:000	»
Um anonymo. . . . .	430	»
Um anonymo. . . . .	6:000	»

Somma..... 19\$930 »

## SECÇÃO RELIGIOSA

## A festa de Todos os Santos.

No dia primeiro de Novembro celebra a Igreja esta grande festa, chamada de Todos os Santos.

Foi ella instituida no começo do seculo setimo, pelo Papa Bonifacio IV, e isto não só para nos excitar, pelo exemplo das virtudes dos Santos, a seguir o caminho que os conduziu ao céo, mas tambem para por este meio honrar um grande numero d'elles, que, no curso do anno, não tem festa particular.

Guiada pelas luzes do Espirito Santo, a Igreja entendeu que não era justo deixar sem honra todos esses heroes do christianismo, que, depois de terem com fidelidade servido a Deus, durante sua vida mortal, lhe offerecem continuamente no céo suas orações, para nos obterem o perdão de nossos peccados, e graças abundantes para chegarmos a alcançar a felicidade de que elles gosam.

E eis ahi uma das razões que moveu a Igreja a instituir uma festa commum que os comprehendesse a todos, e que fosse como uma homenagem geral da Igreja militante para com a Igreja triumphante.

Além d'isto quiz, por este modo, dar logar a todos os fieis de repararem, por um fervor e piedade extraordinaria, as negligencias que tivessem commettido na celebração das festas particulares.

E finalmente levou em vista, por meio d'esta instituição, interessar todos os Santos em seu favor, empenhando-os a reunir suas poderosas intercessões, para attrahirem sobre ella, e sobre todos os seus filhos, graças as mais abundantes.

E isto é o que a Igreja testimunha na *collecta* d'este dia, onde pede a Deus a abundancia d'estas graças, pelos merecimentos dos numerosos interessados que emprega junto de sua divina Magestade.

*Quæsumus ut desideratam nobis tuæ propitiationis abundantiam multiplicatis intercessoribus largiaris.*

Mas quaes não foram as difficuldades que os Santos tiveram a vencer, os combates que tiveram de sustentar para poderem alcançar a felicidade eterna ?

Ninguem deve ignorar que os Santos tiveram de percorrer uma espinhosa carreira, cheia de difficuldades, de combates e de soffrimentos.

Bem sabiam elles que nenhum outro era o caminho do céo, e porisso as virtudes que praticaram trazem todas o signal do combate.

Mas o que é certo, é que não basta só combater, é mister alcançar a victoria.

Os Santos não triumpham no céo, senão porque sahiram victoriosos do combate, resistindo até á morte.

Ora como a victoria segue o combate, tambem o triumpho segue a victoria.

E quem não vê o triumpho de alegria e de gloria que obtiveram todos os Santos !? *Modo coronantur et accipiunt palmam*, diz a Igreja. (Resp. 6.<sup>o</sup> de comm. apost).

Filhos do exilio, as palmas que elles teem na mão, diz o illus-



tre Gaume, lembram-nos que assim para nós como para elles a vida é uma lucta. Nós somos os combatentes ; os Santos são os espectadores ; a corôa é no céo.

Mas os Santos não são espectadores indifferentes ; são nossos irmãos, nossos amigos, animam-nos com o gesto e com o olhar, sustentam-nos com as suas poderosas orações, levantam-nos se caímos, recebem-nos nos braços se vencemos, e applaudem o grande Rei que nos põe na cabeça a corôa dos vencedores.

Detenhamo-nos, pois, hoje n'esta só consideração—que a felicidade eterna é o preço da paixão e da morte de Jesus Christo.

O Filho de Deus soffreu para nol-a merecer, e seu Pae, que pôz n'Elle todas as suas complacencias, quiz dar-lhe uma recompensa proporcionada a seus trabalhos.

Meditemos, portanto, um pouco sobre o valor d'esta recompensa, cujo preço é a vida d'um Deus ! Não nos admiremos, á vista d'isto, do muito que soffreram os Santos : elles seguiram seu Chefe combatendo com Elle, para assim vencerem e triumpharem.

A Igreja, mostrando-nos o triumpho dos Santos, exhorta-nos a imital-os.

Todos, sem excepção, levam palmas em suas mãos, como symbolos de suas victorias, e por consequencia de seus combates.

Se quizermos comprehender bem esta lição, se quizermos fortificar este pensamento, abramos as santas Escripturas.

Alli veremos, por toda a parte, este reino da felicidade, symbolisado debaixo de figuras que assás mostram que ninguem pode lá chegar senão pelo trabalho e pelo combate.

E' a terra da promissão onde corre o leite e o mel ; mas, para entrar n'ella, é necessario passar o mar vermelho, atravessar o deserto e combater os gigantes (Exod. cap. 14. v. 21).

E' o manná que encerra tudo o que é delicioso e agradável ao gosto ; mas antes de o recolher, é preciso ser privado da farinha e das viandas do Egypto (Ibid. cap. 16 v. 3<sup>o</sup> e 14), quer dizer que é preciso evitar os prazeres da carne e do mundo.

E' um reino que se não alcança senão pela violencia (S. Math. cap. 11. v. 12). E' uma casa, cuja porta é estreita. (S. Luc. cap. 13. v. 24).

E', enfim, uma corôa que recebe só aquelle que tem bem combatido. [*Bonum certamen certavi . . . In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus*]. Epist. 2.<sup>a</sup> ad Timoth. cap. 4.<sup>o</sup> v. 7 e 8).

Se pois tão grandes foram os trabalhos, as afflicções e os tormentos que os Santos soffreram, sempre em lucta contra os prazeres da carne e do mundo,—quem jámais poderá exprimir a abundancia e as doçuras de sua felicidade ?

Oh ! o Propheta Rei falla d'esta felicidade com expressões da maior admiração ! O' meu Deus, exclama elle, quanto são abundantes as delicias reservadas a todos os que vos temem ! *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te !* (Psalm. 30 v. 20).

O propheta Isaias, e depois d'elle o Apostolo S. Paulo, fallando d'estas delicias ineffaveis, asseguram que nunca o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem o coração do homem sentiu cousa que lhe seja comparavel. *Nec oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis ascendit, quæ præparavit Deus iis qui diligunt illum* (Isai. cap. 64. v. 4.<sup>o</sup>—1.<sup>a</sup> ad cor. cap. 2.<sup>o</sup> v. 9.<sup>o</sup>).

E eis o que faz dizer a santo Agostinho—que a felicidade e as delicias de que os Santos gozam no céo, são acima de todos os nossos discursos e de todos os nossos pensamentos; d'onde podemos concluir que elles excedem toda a gloria de Salomão, todas as riquezas dos reis, toda a pompa dos triumphos mais magnificos, n'uma palavra, todas as maravilhas e todos os prazeres cá da terra.

Quem, pois, deixará de ter na lembrança o que, n'este mundo, praticaram os Santos para alcançarem tamanha gloria?

Sim, elles mediram com os olhos todo o mundo; compararam-no com a immensidade de seu coração, e acharam-no muito pequeno.

Comprehenderam que a patria dos filhos de Deus não é este valle de lagrimas que habitamos, mas a habitação da felicidade permanente, para a qual seu coração de contínuo se elevava.

Porisso todos os seus passos, todos os seus trabalhos, todos os seus esforços, durante sua vida mortal, foram empregados para um dia possuirem o unico bem que podia saciar seus desejos, e satisfazer suas sublimes aspirações.

Porisso só a estes varões de santidade, e não aos grandes d'este mundo, é que verdadeiramente compete o nome de heroes.

Sejamos, pois, como elles foram; imitemos os exemplos que nos deixaram, mostrando-nos o caminho que deve conduzir-nos á eterna felicidade de que elles gozam.

Lembre-mos que é para este fim que a Egreja nol-as propõe hoje para modelo, fazendo-nos vêr que, só imitando-os nas virtudes que praticaram, nos males que soffreram, nos trabalhos e privações que supportaram, e, enfim, nos perigos a que se exposeram n'esta terra de exilio, é que poderemos avançar o céo, verdadeira patria para que fomos creados.

Segue-se a

### Commemoração dos Fieis Defuntos.

A Egreja, nossa Mãe, depois de ter celebrado a victoria dos Santos que triumpham no céo, com toda a razão se compadece hoje dos soffrimentos dos justos que gemem no purgatorio.

Ella rendia hontem suas homenagens e seus respeitos á *Egreja triumphante*; hoje emprega os seus trabalhos em soccorrer e alliviar a *Egreja paciente*.

Hontem implorava para si mesma as orações e os suffragios da primeira; hoje offerece seus votos e suas supplicas em favor da segunda.

Hontem alegrava-se com a gloria e felicidade d'uma; hoje afflige-se, considerando nas penas e dôres da outra.

Hontem apresentava-se com trajes de alegria, para celebrar a gloria e os merecimentos dos bemaventurados; hoje traja de luto para testemunhar a sua compaixão pelas almas do purgatorio.

E na verdade, nada mais justo do que, depois de ter considerado as delicias ineffaveis que os Santos gozam no céo, ella empregue todos os seus esforços para augmentar o numero d'elles, procurando ás almas dos Fieis que satisfazem ainda á justiça de Deus no purgatorio, o fim de seus tormentos e o repouso eterno que lhes é destinado na habitação dos Santos.

Porisso é que a Egreja julgou a proposito fixar um dia para fazer commemoração geral de todos os que morreram no Senhor, isto é, com a sua graça, mas cuja virtude se não ha achado ainda assás pura, ao sahir d'esta vida, para logo poderem entrar no goso da herança celeste.

Ora não podendo ninguem entrar no céo sem primeiro ter expiado a menor mancha, vê-se o muito que importa a todo o christão instruir-se cuidadosamente do que elle deve ás almas que padecem no purgatorio.

Deve saber que os meios que a Egreja nos propõe para soccorrer estas almas são — a oração, o santo sacrificio da missa, o jejum, as mortificações, as esmolas, todas as boas obras feitas em espirito de caridade, e offerecidas a Deus por sua intenção, e particularmente as indulgencias que a Egreja nos conceda, dando-nos a faculdade de as applicar para allivio d'aquellas almas.

Empreguemos, pois, todos os meios ao nosso alcance para as alliviar das penas que soffrem. Lembremo-nos que o estado d'estas pobres almas deve excitar nossa compaixão e nosso zelo em seu favor.

O fogo em que ardem sem serem consumidas, é mais violento que tudo o que pode affectar o homem n'esta vida (*Gravior erat illi ignis quam quidquid potest homo pati in hac vita*. S. Agostinho, in psalm. 17).

E a isto ajuntemos que, livrando-as de tão grandes padecimentos, nós não as tiramos sómente de desgraça, mas procuramos-lhes o maior bem de que ellas podem gozar — a bemaventurança.

E'-nos facil fazer isto, em tanto que ellas estão na impotencia de se auxiliarem. Os mesmos Santos do céo, posto que possam soccorrer as almas do purgatorio por sua intercessão junto de Deus, não podem juntar-lhes o soccorro das obras satisfactorias. Isto é-nos reservado; é a ordem da justiça.

E porventura poderemos nós ver um amigo, ou mesmo um estranho no meio do fogo, sem lhe estendermos a mão para o tirar, mui principalmente tendo a certeza de não nos resultar d'ahi o menor mal?

Não omittamos, pois, esta obra de piedade e caridade; e, afim de nos animarmos a bem a praticar, lembremo-nos que a Egreja, nossa Mãe, reúne hoje todos os seus filhos aos pés dos altares, para fazer, com este concurso unanime de supplicas e votos, uma santa violencia ao céo em favor da Egreja paciente.

Para este fim ella fáz resoar todos os seus sinos d'uma maneira lugubre, cobre seus altares de luto, offerece solemnemente o santo sacrificio da missa, abre a bocca de seus prégadores, para nos recordar o rigor inconcebivel das penas do purgatorio.



Com a lembrança d'estas penas, ella deseja que concebamos um santo terror, que entremos n'uma vigilancia continua sobre nós mesmos, para evitarmos, não sómente o peccado mortal, mas tambem os menores peccados veniaes, que nos expõem a tão terriveis castigos.

Sim, são terriveis os tormentos que padecem as almas no purgatorio para se purificarem de leves faltas, e poderem entrar no céo, onde ninguem entra sem ter pago a menor divida.

Escutemos, pois, os gemidos e as supplicas que estas pobres almas, do meio dos chammas, nos dirigem, dizendo : *Miseremini mei, misere-  
mini mei, saltem vos, amici mei, quia manus Domini tetigit me*. Tende compaixão de nós, tende compaixão de nós . . . porque a mão do Senhor nos feriu.

E de feito, a assistencia que ellas esperam de nós, não nos custará quasi nada, porisso que consiste em algumas missas, algumas orações, e algumas esmolas.

Por outro lado podemos e devemos esperar ser recompensados no centuplo ; porque devemos ter como certo que as almas introduzidas no céo pelo soccorro de nossas orações, hão de reconhecer nossa benevolencia, e empregar todo o seu valimento junto de Deus para nos procurarem a mesma felicidade de que gozam.

Nosso Senhor mesmo, em recompensa d'este officio de piedade, nos prevenirá com as suas graças n'esta vida, e terá compaixão de nós na hora da nossa morte; e se estivermos nas penas do purgatorio, Elle suscitará pessoas caritativas, para nos assistirem com seus suffragios, como nós o havemos feito a nossos irmãos n'uma similhante necessidade.

Felizes, nos diz Elle, os que são misericordiosos, porque alcançarão tambem misericordia : *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur* (S. Math. cap. 5.º v 7).

Emfim consideremos que o uso da oração pelos mortos é muito mais antigo que a Igreja, pois o vemos claramente indicado em muitos logares do Antigo Testamento.

O *segundo livro dos Machabeos*, em particular, nos offerece, a este respeito, um bello testemunho. Ahi se vê que Judas Machabeo, depois d'uma sanguinolenta batalha, enviou doze mil drachmas de prata a Jerusalem, afim de que alli se offerecessem sacrificios pelo allivio de todos os que tinham sido mortos no combate ; sobre o que o auctor d'este livro, que escrevia quasi um seculo antes de Jesus Christo, faz a seguinte reflexão :

«E' um santo e saudavel pensamento o rogar pelos mortos, afim de que sejam livres de seus peccados». *Sancta et salubris est cogitatio, pro defunctis exorare, ut peccatis solvantur.* (2.º Mach. cap. 12. v. 46).

A. e B.

---

### O Chrysostomo Portuguez.

Na grande perturbação de idéas, que por diversos modos em toda a parte se manifesta na epocha presente, raras vezes o cultor da



sciencia encontra um livro, que mereça a sua attenção, o seu estudo e os seus louvores.

A famosa e recente publicação do livro intitulado—*O Chrysostomo Portuguez*—não só despertou a nossa attenção, mas tambem o julgamos merecedor de ser lido muito principalmente pelo clero portuguez.

Não é uma obra nova, não; mas quem conhece a difficuldade d'uma renovação, dará a este livro um grande apreço, e não duvidará affirmar que o seu auctor tem bem-merecido da litteratura portugueza.

*O Chrysostomo Portuguez* é uma nova edição, se assim lhe podemos chamar, do illustre e bem conhecido padre Antonio Vieira, mas uma edição} correcta, accrescentada, consideravelmente melhorada e mais accommodada ao gosto d'este seculo; porque o prégador, para merecer a attenção do auditorio, deve ser do seu tempo, muito embora a doutrina, que ensina, seja a velha e orthodoxa doutrina da Egreja Catholica.

Quem se atreveria hoje a prégar um sermão d'este insigne Prégador, ou imitar o seu modo particular de expôr as verdades da fé e os preceitos da moral?

O nosso padre Vieira (1608-1697) foi contemporaneo de Luiz Gongora y Arcote (1564-1627), principe dos poetas hespanhoes do seu tempo; e que, pelo seu estylo guindado e emprego de phrases menos proprias do assumpto, fundou o chamado *gongorismo* que, do mesmo modo que os sermões do padre Vieira, tem merecido repetidos elogios e amargas censuras, signal evidente e caracteristico de toda a verdadeira grandeza. Ambos obedeceram então ao gosto geral da sociedade, que o tempo e melhores estudos têm devidamente condemnado e proscripto.

Seria, porém, muito para desejar, e nós rogamos encarecidamente ao clero portuguez, que se dedica ao exercicio de um dos primeiros e mais proveitosos ministerios do sacerdocio catholico, que tomasse para seu modelo *O Chrysostomo Portuguez*, e que depois não só abandonasse umas certas colleções de sermões, que se publicam tradusidos, mas tambem que não promovesse por seu uso e assignatura algumas empresas, puramente lucrativas, que, com grande e manifesto descredito do pulpito, se offerecem a fazer sermões predicaveis para todos os assumptos.

Não é claramente o resultado do seu estudo o sermão, que vão prégar: é um discurso muitas vezes inconveniente, pago por um tanto a quem o escreveu, e do qual os fieis não tiram proveito, os chamados criticos escarnecem e os homens sinceramente religiosos só têm a lamentar o descosido das idéas, o entono da phrase e a falta d'uncção.

Se estes prégadores tomarem para modelo *O Chrysostomo Portuguez*, a sua linguagem será mais castigada, porque o padre Vieira é um dos nossos melhores classicos, a energia da phrase e a sublimidade dos conceitos melhor escolhida, o agrado e proveito do auditorio mais assegurado e o fim do ministerio sagrado do pulpito mais satisfatoriamente conseguido.

Desejariamos que o auctor d'este livro tivesse publicado o primeiro sermão das obras do padre Vieira, que é o da Dominga de sexagesima, e apoz elle, ou em frente d'elle, o sermão, que o auctor tambem publica em primeiro lugar, para que todos podessem confrontar

os melhoramentos introduzidos na obra monumental da oratoria sagrada em Portugal; pois que nem todos poderão fazer esta comparação, sendo já rara e custando cara a edição dos sermões do padre Vieira.

Demos sempre subido valor ás obras do principe dos prégadores portuguezes, e ha muitos annos que possuímos um exemplar d'ellas impresso em 1629 e alguns manuscriptos ineditos: offerecemos ao illustre Academico o snr. conselheiro José Tavares de Macedo um sermão, que nos pareceu ser o original, escripto pela mão do padre Vieira, para S. Exc.<sup>a</sup> juntar á sua preciosa collecção de anthographos; e só não temos o livro que Vieira intitidou—*De regno Christi in terris consummato*, por outro nome—*Clavis Prophetarum*, impresso em Roma em 1723, que o proprio auctor afirma fôra o maior emprego dos seus estudos.

Agora muito folgamos com a leitura do 1.<sup>o</sup> volume do *Chrysostomo Portuguez*, que não é outra cousa mais, como já dissemos, que uma nova edição dos sermões do padre Antonio Vieira, mas reformados, melhorados, e de certo modo mais accommodados ao gosto da epocha presente.

O sabor de *gongorismo*, que se notava n'estes sermões, dasappareceu; as applicações dos logares da Escriptura Sagrada menos proprias e probativas, foram eliminadas; os retornellos e trocadilhos quasi que se não encontram.

O *Chrysostomo Portuguez* é o padre Vieira na doutrina ou na essencia dos seus bellos sermões; mas a forma é outra na deducção logica, no estylo purgado dos defeitos, provindos do tempo, em que estes sermões foram prégados, e na ordem das materias mais racional e mais commoda para os que quizerem consultar e aproveitar-se d'este guia seguro na prégacão christã.

Serão sempre uma gloria immarcescivel do pulpito portuguez os sermões do padre Vieira e um thesouro abundante de linguagem classica e castiça para os philologos e amadores das lettras patrias; mas *O Chrysostomo Portuguez* será um livro quasi indispeusavel aos nossos prégadores na epocha presente, e que servirá para dirigir alguns, para corrigir dos defeitos de muitos e para instruir e aproveitar a todos.

---

## O SOCIALISMO.

(Continuação de pag. 299).

### III

Depois de havermos mostrado a perversidade das doutrinas do *socialismo* e seus adeptos, respirando sempre o rancor contra a Igreja e contra a sociedade; depois de termos esboçado o negro quadro de incendios, assassinatos e roubos commettidos por esta tão perigosa como terrivel seita; depois de termos levantado a ponta do véu, que cobre o profundo abysmo de crimes e horrores praticados por estes tão desgraçados como loucos sectarios de uma utopia, de um sonho irrealisavel, cumpre-nos agora indicar os meios mais proprios para debellar e extin-



guir esta perniciosa *febre do socialismo*, que tem queimado e devorado o melhor sangue, que circula no grande corpo da humanidade;—corre-nos agora imperioso o dever de indicar não só o antidoto d'este *veneno social* e o modo pelo qual todos, os que nos prezamos de ser bons catholicos e cidadãos cordatos, nos devemos reger n'estas pugnas ingentes contra tão temiveis adversarios, mas tambem o posto, que deve occupar o sacerdote catholico, e os seus deveres, como ministro de Christo e da sua Igreja, em presença d'esta lucta tão pertinaz como decisiva ou para o engrandecimento da sociedade, ou para a sua completa ruina.

Ninguem ignora certamente que, quando os ventos procellosos da impiedade sopram com impeto e as tempestades de uma revolução se desencadeiam e varrem os povos, devorando as suas industrias, incinerando as suas aldeias e calcinando e fundindo as suas riquezas, no fim não restarão mais do que algumas reliquias dispersas e sem valor, e os povos, victimas d'aquella agitação revolucionaria, sequiosos de consolações espirituaes, pedirão o pão da vida, a educação religiosa, o resgate das suas propriedades e a salvação das suas almas, não ao genio da impiedade, assentado sobre as ruinas dos nossos templos, aplandindo-se dos seus triumphos, mas ao augusto sacerdocio instituido pela Igreja, que, como viuva inconsolavel sentada entre os tumulos de seus filhos, outr'ora tão estremecidos, derrama sentidãs e amarissimas lagrimas, ao contemplar tão terriveis perturbações, tão preciosos destroços e tão desditosos infortunios! . . .

Mas antes de soffrer os dolorosos transe da revolução, que nos precipita em um lastimoso estado de miserias e de desalentos; antes de ter rolado no fundo precipicio de angustiosas provações e duras necessidades; antes de haver chegado ao extremo de invocar, depois d'estes cataclysmos, o poderoso auxilio da Igreja Catholica e das suas salutaes doutrinas para dar remedio a estes penosos males, não seria conveniente, antes d'elles, pedir o patrocínio da mesma Igreja e aproveitar o ensino religioso, dispensado pelos sacerdotes catholicos, para que, por meio d'esta educação solida e enraizada nos corações generosos da juventude, se dissipem no horisonte da sociedade as tremendas procellas, que se desencadeiam sobre ella, fortissimas e aterradoras?

Porventura não será a educação esmeradamente christã, não será o ensino profundamente religioso um dos meios mais proficuos para fazer reinar entre os povos a felicidade, a harmonia e a prosperidade, por elles tão desejadas? não será a religião christã a poderosa alavanca, que move os filhos da fé catholica a unirem-se e a amarem-se, pelos entrelaçados vinculos da caridade, do amor de Deus e da virtude?

Quem negará que a educação religiosa, dada proficientemente pela Igreja á innocencia infantil e á juventude generosa, é a base mais firme e mais perduravel do engrandecimento, da união e da felicidade dos povos? quem?

O homem, durante toda a sua perigrinação sobre a terra, desde os sorrisos do berço até aos gemidos abafados pelo fragor da campa, desde o apparecimento da *luz brilhante* da sua alma candida até ás densas trevas do seu occaso na vida, aspira constantemente ao bem supremo, á felicidade eterna, e, guiado pelos salutaes ensinamentos da Santa Igre-



ja, caminha sempre para Deus, fim ultimo das suas constantes aspirações.

Na infancia, quando a vida lhe parece embalada ao som de cantos celestes e enlevada pelos anjos, a sua alma innocente transporta-se em doces extasis até ao seio do Creator e não pre-sente as paixões voraginosas, que o mundo lhe soprará um dia, mas que elle poderá então acalmar com a sua instrucção profunda sobre as verdades da fé e da moral christã.

A alma, então, n'essa epocha de sorrisos e d'esperanças, livre d'enganos e perfidias, paira e esvoaça sobre todos os objectos, que a attrahem e encantam, indo acolher-se sob as azas carinhosas do extremo amor maternal, que a fortalece, dirige e educa com os suaves conselhos evangelicos e com as salutaes maximas da religião christã.

Aquella feliz existencia, aquella flôr ainda em botão, cheia de viço e frescura, recebe, sequiosa, o doce orvalho dos ensinamentos maternos e abre-se emfim ao sol radiante da vida, espargindo suaves aromas de amor, religião e virtude, não a podendo crestar, nem sequer emmurhecer, o sopro gelido da impiedade, porque a sua fé é inabalavel, a sua educação christã esmerada e os principios religiosos estão gravados em letras d'ouro em seu coração generoso e magnanimo!

Na juventude o homem, ardendo n'um amor vivissimo, que o mundo não pode saciar, aneia sempre pela *felicidade*, que elle pede ás vagas, agitadas e alterosas, que se erguem, se abatem e se tornam a erguer para cahirem e se despenharem contra os rochedos das praias;—aneia sempre pela felicidade, que elle pede á brisa, que docemente cicia por entre os frondosos ramos de capado bosque; que elle pede ao murmuro de pequeno arroio, que serpeia e desliza por entre a verde relva da campina; que elle pede á pavorosa tempestade, que tolda o céu de nuvens e faz tremer a terra com estrondosas detonações; mas que elle encontra sómente na paz do espirito, na tranquillidade da consciencia, no amor da verdade, na pratica da virtude, aconselhada pelo ensino religioso!

Um dia o gelado sopro das paixões humanas, o empestado halito do mundo apaga-lhe o fogo da alma; as suas illusões esvaem-se como espiraes de fumo; a vida torna-se arida como o deserto; os prazeres do mundo não lhe concedem o que elle tanto ambicionara; em vez de deliciosos jardins e de olorosas flôres da felicidade encontra apenas a aridez dos desenganos, as desillusões da vida e os abysmos cavados e profundos do mal; e, quando pretende renegar da poesia e do amor, quando todas as suas crenças, todas as suas affeições, toda a sua existencia parece sumir-se na voragem do tenebroso tumulto do scepticismo, o homem, se não fôr guiado por uma solida educação christã, se não tiver bem gravados no coração os sentimentos religiosos, afunda-se no pégo insondavel de desvarios, de excessos e crimes, como a odiosa seita *socialista*!

Se a radiosa e deslumbrante luz da fé não alumiar, como brilhante pharol, os perigosos cachopos e as temiveis restingas do agitado oceano da sociedade, o homem sente em si paralyzados todos os movimentos nobres do seu bondoso coração pelo gelo do scepticismo, a sua frente deixa de elevar-se para os céus, para onde o chama o seu destino, e começa a pender, como a dos brutos, para o pó da terra, para onde o arrastam as suas paixões!

Se todos os homens tivessem sempre presente a Sabedoria infinita, que arremessou a esse espaço immenso, chamado firmamento, os milhares de corpos celestes, que n'elle giram ; se todos lessem no Evangelho o seu superior destino e as regras invariaveis da sua vida ; se escutassem a voz de Deus e da sua Igreja nas caladas horas do silencio ; se todos tivessem bem gravados n'alma os suaves preceitos, as salutaes doutrinas e os conselhos admiraveis do catholicismo, que bebemos com o leite materno e continuamos a receber dos ministros da religião do Divino Salvador, o mundo certamente teria menos insensatos e menos criminosos.

A falta de profunda meditação, de aturado estudo e do ensino verdadeiramente religioso é a causa de todos quantos males soffre a sociedade, porque vemos milhares e milhares de homens, possuidos de um furor satânico e tomados da vertigem da destruição, commetter os mais horrendos attentados, os mais monstruosos crimes e as mais hediondas torpezas, podendo uma reflexão attenta e uma educação religiosa aprofundada salvar-os do abysmo de horrores, em que cegamente se precipitam.

E' com viva magua, pois, e com profundo sentimento de amargura, que não podemos deixar de exclamar com Jeremias,—esse poeta sublime de Anathoth,—o unico, que, na phrase de Bossuet, pode nivelar as lamentações com a grandeza da dôr : *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est qui recogitet corde !* (1)

É para mostrar quão essencial é ao homem a educação religiosa, para viver feliz no meio da sociedade ; para indicar o valor que a instrucção profunda do christianismo tem para o individuo, para a familia e para a sociedade, citaremos aqui o pensamento de um grande philosopho allemão, que viveu no seculo passado, e um decreto do Santo Concilio de Trento.

«—Sempre pensei, diz Leibnitz, que se reformaria o genero humano, se se reformasse a educação da mocidade—»

É o Sagrado Concilio de Trento (2) considerando «que os mancebos, se não forem bem educados e bem instruidos, deixam-se ir facilmente em seguimento dos prazeres e dos divertimentos do seculo ; e que, se desde a tenra idade não se formarem na piedade e na religião, antes que os habitos viciosos os dominem inteiramente, nunca com perfeição e sem o omnipotente e especial auxilio da divindade perseverarão na disciplina da santa Igreja», decreta que se eduquem todos os mancebos na piedade e se instruem no amor de Deus e nos suaves preceitos da religião.

D'aqui poderá, pois, evidentemente concluir-se as vantagens, que para o estado e para a sociedade resultam do ensinamento aprofundado do christianismo, prestado pela Igreja Catholica á esperanças mocidade.

Aprofundando e generalizando esta saluberrima instrucção sobre as verdades incontrastaveis do christianismo ; levantando do estado de abatimento, em que se acha, a educação religiosa da infancia e da mocidade ;

(1) *Jerem.* XII—14.

(2) *Sess.* XXIII—*de ref.* cap. XVIII.

gravando em seus doces corações as doutrinas e conselhos perfeitissimos do catholicismo; confiando estes importantissimos ensinamentos ao sacerdotio catholico, ver-se-hão desde logo apagados da face da terra os crimes e excessos, a que se entregam desordenadamente os *socialistas*, que, como vimos, combatem de frente a frente o seu mais intransigente e formidavel inimigo,—a Igreja Catholica e a sua tão indispensavel como benefica instrucção.

A educação religiosa,—profunda e esmeradamente religiosa,— é, portanto, um dos meios mais proficuos para cortar pela raiz a propagação e a diffusão das idéas *socialistas*.

Um outro meio para debellar o *socialismo* é a união ou a adherencia dos governos temporaes á Igreja Catholica.

Sabido é por todos nós, que a Igreja, sociedade, que, no dizer de Montesquieu, faz a nossa felicidade não só no outro mundo, mas ainda n'esta vida,—presta aos estados o mais forte apoio, ensinando a obediencia inteira aos seus governos, a observancia exacta das suas leis e a submissão plena a todos os poderes constituídos, *não sómente pelo temor do castigo, mas tambem pelo dever de consciencia.* (3)

A historia refere que, não só entre os pagãos, Spartanos e Athenienses, mas tambem principalmente entre o povos christãos, se tem prestado homenagens á religião e aos seus ministros, porque, sendo ella o primeiro dos bens para os povos e governos, deve ser tambem o objecto dos seus primeiros cuidados e principaes sollicitudes.

Mas não é bastante invocar o seu apoio, como simples auxiliar, e conceder-lhe por favor o que ella tem direito de exigir, como soberana; porque será porventura conveniente que o Creador entre em segundo logar na mente da creatura?—que *Aquelle*, que é o primeiro por sua essencia e natureza, seja o ultimo nos nossos respeitos e homenagens?

Porventura as auctoridades, os magistrados, os governos acham-se constituídos para seguir os seus devaneios e os seus caprichos, e para abandonar os povos, sem leis nem principios religiosos, ás seducções do erro e das paixões?

Certamente que não: é para os tornar bons, fazer felizes e reinar a paz nas familias e o socego publico nos estados, que elles se acham investidos do poder.

Ora se a religião catholica reprime e condemna todos os crimes e horrores; se ella presta valioso auxilio, ou antes firme apoio aos governos em suas diversas gerarchias, o primeiro e principal dever das auctoridades civis é fazel-a respeitada dos homens, promover por todas as fórmãs e maneiras o seu engrandecimento, dar impulso á instrucção e educação nas suas verdades eternas e salvar assim os estados da louca impiedade e do devorador *socialismo*, que são um terrivel flagello dos povos.

Quando esta alliança da religião com o estado for quebrada, quando a educação religiosa fôr desprezada, quando os governos fôrem os primeiros a combater e a ingerir-se na esphera da religião, os povos se-

(3) *Rom.* XIII—5.



rão abalados em seus fundamentos, os desatinos succeder-se-hão, as perturbações crescerão de ponto, as revoluções atear-se-hão e acabarão por degerar e corromper as mais santas instituições.

Se o dever dos governos consiste em dar firmeza ou estabilidade e conciliar respeito ás suas leis e determinações, o seu principal cuidado, o seu mais decidido empenho consiste em honrar e fazer prestar homenagens á religião; porque, se ella não caminhar á frente dos povos, se ella não for o pharol huminoso, que os guie nas suas relações sociaes, a agricultura, as industrias, as leis, a propriedade, a familia, tudo será precario n'esses mesmos povos.

Sem a religião, disse um eminente orador, o espirito está sem regra, o coração sem freio, o vicio sem temor, a virtude sem esperança, a desgraça sem consolação, a auctoridade sem apoio e a felicidade sem segurança.

A religião, instituição de um Deus todo misericordioso, tem uma força infinita, como Deus mesmo; ella só por si é sufficiente para dar a vida e a felicidade a um povo, que pretende instruir-se nas suas santas doutrinas, e conceder a energia, o vigor e a prosperidade a um outro povo, que se deixou cahir nas trevas da irreligião; porque os seus preceitos, os seus doces e salutaes ensinamentos são *espirito e vida*.—*Verba quae ego locutus sum vobis, spiritus et vita sunt.* (4)

Indicados estes meios, além d'outros, proprios e adequados para combater os *socialistas*, pergunta-se: qual será o posto do sacerdote christão em frente d'esse gigante, chamado *socialismo*, que se move, se agita e se amotina por entre as nações do mundo? que armas tem elle de usar contra tão perversa seita? será conveniente que elle se aliste nas hostes dos governos, para engrossar as suas forças? ou terá antes de empregar as armas da palavra divina, da doutrina catholica e da resignação christã nas pelepas, que tem de travar-se contra os *socialistas*?

Responderemos no capitulo seguinte.

Braga, 23 de outubro de 1878.

E. A.

---

## NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

---

### Missas na igreja do Collegio.

No domingo, dia 3 de Novembro, é a vigesima primeira domingo depois do Pentecostes, a primeira de Novembro, e *infra octavam* dos Santos, e resamos n'este dia *de ea* com o rito *semiduplex*; e como cae dentro da oitava dos Santos, a côr dos paramentos deve ser branca, aliás seria verde.

A missa é da vigesima domingo depois do Pentecostes com commemoração da oitava.

A Epistola é de S. Paulo aos Epheseos, no cap. 6, que o Apo-

---

(4) S. Joan. VI—4.

stolo quando estava prezo em Roma escrevera a estes povos, que tinha convertido á fé, lembrando-lhes quanto deviam á infinita misericordia de Deus, confirmando-os assim nas doutrinas do Christianismo.

O Evangelho é do cap. XVIII de S. Matheus, em que se refere a parábola do rei que mandou castigar severamente a um seu mordomo, a quem tinha perdoado a grande quantia de dez mil talentos (desoito milhões de nossa moeda), por não ter querido perdoar a um seu conservo a pequena quantia de cem dinheiros (seis mil reis de nossa moeda) depois de receber aquelle grande beneficio de seu rei.

Aqui o Rei é Deus, os dous servos somos nós, os dez mil talentos representam a divida immensa, em que estamos para com Deus; e são dez mil em rasão dos dez mandamentos; e na pequena quantia de cem dinheiros estão figuradas as offensas que nos fez o nosso semelhante.

Deus não nos perdoará os nossos peccados, se nós tambem não perdoarmos a nossos irmãos de todo o nosso coração.

Acolytharão :

De diacono—João Baptista Ramalho.

De subdiacono—João Fernandes Cruz.

A ceremonias—Antonio Martins Ledo.

A credenciario—Francisco Antonio Domingues.

A thuriferario—Manoel José Gonçalves.

Braga, Seminario Conciliar de S. Pedro, 28 de Outubro de 1878.

O Vice-Reitor do Seminario,

*P.º João Rebello Cardozo de Menezes.*

## AVISO

O arcypriste do districto ecclesiastico de Ponte do Lima, em conformidade das determinações de Sua Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>m</sup> nomeou por um anno, examinadores dos revd.<sup>os</sup> sacerdotes para confessores d'este districto, os revd.<sup>os</sup> Joaquim José Gonçalves da Silva, abbade de S. João da Ribeira, e Antonio José Pereira d'Amorim, abbade d'Estorãos; e pelo mesmo tempo e para o mesmo serviço nomeou examinadores substitutos os revd.<sup>os</sup> Antonio José d'Araujo Lima, de Refojos e Manoel Antunes d'Oliveira, da Gandra. Os exames devem ter logar na sacristia da Igreja matriz de Refojos pelas 9 horas da manhã, nos dias 1.<sup>o</sup> e 15 de cada mez, ou nos immediatos, cabindo aquelles em dias festivos ou impedidos; devendo os examinandos apresentar ao arcypriste seus requerimentos com a anticipação de 8 dias, sem o que não serão admittidos a exame.

Refojos do Lima 24 d'Outubro de 1878.

O arcypriste,

*A J. da Costa e Sousa Prior.*